

Filosofia

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Filosofia (do grego Φιλοσοφία, *philosophia*, literalmente «amor pela sabedoria» ^{[1][2]}) é o estudo das questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana; do conhecimento; da verdade; dos valores morais e estéticos; da mente; da linguagem, bem como do universo em sua totalidade.^[3] O termo foi cunhado por Pitágoras (570 – 495 a.C). Ao examinar tais questões, a filosofia se distingue da mitologia e da religião por sua ênfase em argumentação racional; por outro lado, diferencia-se também das pesquisas científicas por geralmente não recorrer a procedimentos empíricos em suas investigações. Entre seus métodos, estão a argumentação racional, a análise conceitual, a dialética, a hermenêutica, a fenomenologia, as experiências de pensamento e outros métodos investigativos *a priori*. A Filosofia é o saber mais abrangente – na medida em que ocupa-se com os grandes temas da humanidade. A partir dela, são fundamentadas e desenvolvidas teorias, metodologias, pesquisas, projetos educacionais, bem como elabora-se, inclusive, a própria fundamentação racional das instituições do conhecimento humano, i.e., as instituições científicas, artísticas, religiosas e culturais.

Por razões de conveniência e especialização, as disciplinas filosóficas foram classificadas em várias subáreas temáticas ou campos de estudo e investigação, entre os quais destacam-se principalmente a Metafísica (cujo ramo basilar é conhecido como Ontologia); a Epistemologia, a Lógica, a Ética (ou filosofia moral), a Estética (ou filosofia da arte), filosofia da mente, filosofia das ciências naturais e sociais, filosofia da religião, filosofia da matemática filosofia da linguagem, filosofia da física e filosofia política

Índice

Definição de filosofia

Etimologia

Conceito de filosofia

Métodos da filosofia

Disciplinas filosóficas

Cronologia

História

Pensamento mítico e pensamento filosófico

Filosofia antiga

Filosofia



O pensador, de Auguste Rodin, representação clássica de um homem imerso em pensamentos.

Origem do nome	Φιλοσοφία , <u>grego</u>
Origem	 <u>Grécia</u> , séc. VII a.C., <u>Tales de Mileto</u>
Influências	<u>mitologia</u>
Influenciados	<u>arte</u> , <u>ciência</u> , <u>política</u> , <u>direito</u> , <u>ética</u> , <u>teologia</u> , <u>religião</u>
Principais nomes	<u>Heráclito</u> · <u>Confúcio</u> · <u>Demócrito</u> · <u>Sócrates</u> · <u>Platão</u> · <u>Aristóteles</u> · <u>Epicuro</u> · <u>Sêneca</u> · <u>Plotino</u> · <u>Agostinho</u> · <u>Avicena</u> · <u>Averróis</u> · <u>Aquino</u> · <u>Escoto</u> · <u>Ockham</u> · <u>Maquiavel</u> · <u>Bacon</u> · <u>Descartes</u> · <u>Vico</u> · <u>Leibniz</u> · <u>Espinoza</u> · <u>Hobbes</u> · <u>Berkeley</u> · <u>Locke</u> · <u>Montesquieu</u> · <u>Hume</u> · <u>Rousseau</u> · <u>Voltaire</u> · <u>Burke</u> · <u>Kant</u> · <u>Hegel</u> · <u>Kierkegaard</u> · <u>Schopenhauer</u> · <u>Mill</u> · <u>Marx</u> · <u>Nietzsche</u> · <u>Peirce</u> · <u>Husserl</u> ·
Definição	é o estudo de questões fundamentais relacionadas à <u>existência</u> , ao <u>conhecimento</u> , à <u>verdade</u> , aos <u>valores morais</u> e <u>estéticos</u> , à <u>mente</u> e à <u>linguagem</u> .

Babilônia
Grécia Antiga
Império Romano
África
Filosofia oriental
China
Índia
Filosofia medieval
Europa
Oriente Médio
Filosofia do Renascimento
Filosofia moderna
Filosofia do século XIX
Filosofia do século XX
Movimentos filosóficos da atualidade
Filosofia clínica

Conhecida por	estimular o pensamento lógico e crítico
Pretende	construir <u>concepções abrangentes de mundo</u>
Divide-se em	<u>Filosofia ocidental</u> , <u>Filosofia oriental</u>
Ramificações	<u>epistemologia</u> , <u>ontologia</u> , <u>ética</u> , <u>metafísica</u> , <u>filosofia social</u> , <u>filosofia política</u> , <u>estética</u> , <u>lógica</u>

Ver também

Referências

Bibliografia

Ligações externas

Definição de filosofia

Etimologia

A palavra "filosofia" (do grego) é uma composição de duas palavras: *philos* (φίλος) e *sophia* (σοφία). A primeira é uma derivação de *philia* (φιλία) que significa amizade, amor fraterno e respeito entre os iguais; a segunda significa sabedoria ou simplesmente saber. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber; e o filósofo, por sua vez, seria aquele que ama e busca a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber.^[4]

A tradição atribui ao filósofo Pitágoras de Samos (que viveu no século V a.C.) a criação da palavra. Conforme essa tradição, Pitágoras teria criado o termo para modestamente ressaltar que a sabedoria plena e perfeita seria atributo apenas dos deuses; os homens, no entanto, poderiam venerá-la e amá-la na qualidade de filósofos.^[4]

A palavra *philosophía* não é simplesmente uma invenção moderna a partir de termos gregos,^[5] mas, sim, um empréstimo tomado da própria língua grega. Os termos φιλοσοφος (*philosophos*) e φιλοσοφειν (*philosophhein*) já teriam sido empregados por alguns pré-socráticos^[6] (Heráclito, Pitágoras e Górgias) e pelos historiadores Heródoto e Tucídides. Em Sócrates e Platão, é acentuada a oposição entre σοφία e φιλοσοφία, em que o último termo exprime certa modéstia e certo ceticismo em relação ao conhecimento humano.

Conceito de filosofia

Para os eruditos o conceito de "filosofia" sofreu, no transcorrer da história, várias alterações e restrições em sua abrangência. As concepções do que seja a filosofia e quais são os seus objetos de estudo também se alteram conforme a escola ou movimento filosófico. Essa variedade presente na história da filosofia e nas escolas e correntes filosóficas torna praticamente impossível elaborar uma definição universalmente válida de filosofia. Definir a filosofia é realizar uma tarefa metafilosófica. Em outras palavras, é fazer



Filósofo em Meditação detalhe de Rembrandt, 1632, no Museu do Louvre

uma filosofia da filosofia. O sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel ressaltou esse ponto ao dizer que um dos primeiros problemas da filosofia é o de investigar e estabelecer a sua própria natureza. Talvez a filosofia seja a única disciplina que se volte para si mesma dessa maneira. O objeto da física não é, certamente, a própria ciência da física, mas os fenômenos ópticos e elétricos, entre outros. A filologia ocupa-se de registros textuais antigos e da evolução das línguas, mas não se ocupa de si mesma. A filosofia, no entanto, move-se neste curioso círculo: ela determina os pressupostos de seu método de pensar e os seus propósitos através de seus próprios métodos de pensar e propósitos. Não há como apreender o conceito de filosofia fora da filosofia; pois somente a filosofia pode determinar o que é a filosofia.^[7]

Platão e Aristóteles concordam em caracterizar a filosofia como uma atividade racional estimulada pelo assombro ou admiração. Mas, para Platão, o assombro é provocado pela instabilidade e contradições dos seres que percebemos pelos sentidos. A filosofia, no quadro platônico, seria a tentativa de superar esse mundo de coisas efêmeras e mutáveis e apreender racionalmente a realidade última composta por formas eternas e imutáveis que, segundo Platão, só podem ser captadas pela razão. Para Aristóteles, ao contrário, não há separação entre, de um lado, um mundo apreendido pelos sentidos e, de outro lado, um mundo exclusivamente captado pela razão. A filosofia seria uma investigação das causas e princípios fundamentais de uma única e mesma realidade. O filósofo, segundo Aristóteles, “conhece, na medida do possível, todas as coisas, embora não possua a ciência de cada uma delas por si”.^[8] A filosofia almejava o conhecimento universal, não no sentido de um acúmulo enciclopédico de todos os fatos e processos que se possam investigar, mas no sentido de uma compreensão dos princípios mais fundamentais, dos quais dependeriam os objetos particulares a que se dedicam as demais ciências, artes e ofícios. Aristóteles considera que a filosofia, como ciência das causas e princípios primordiais, acabaria por identificarse com a teologia, pois Deus seria o princípio dos princípios.^[9]

As definições de filosofia elaboradas depois de Platão e Aristóteles separaram a filosofia em duas partes: uma filosofia teórica e uma filosofia prática. Como reflexo da busca por salvação ou redenção pessoal, a filosofia prática foi gradativamente se tornando um sucedâneo da fé religiosa e acabou por ganhar precedência em relação à parte teórica da filosofia. A filosofia passa a ser concebida como uma arte de viver, que forneceria aos homens regras e prescrições sobre como agir e como se portar diante das inconstâncias do mundo. Essa concepção é muito clara em diversas correntes da filosofia helenística, como, por exemplo, no estoicismo e no neoplatonismo.^[9]

As definições de filosofia formuladas na Antiguidade persistiram na época de disseminação e consolidação do cristianismo, mas isso não impediu que as concepções cristãs exercessem influência e moldassem novas maneiras de se entender a filosofia. As definições de filosofia elaboradas durante a Idade Média foram coordenadas aos serviços que o pensamento filosófico poderia prestar à compreensão e sistematização da fé religiosa; e, desse modo, a filosofia passa a ser concebida como “serva da teologia” (*ancilla theologiae*).^[9] Segundo São Tomás de Aquino, por exemplo, a filosofia pode auxiliar a teologia em três frentes: (1) ela pode demonstrar verdades que a fé já toma como estabelecidas, tais como a existência de Deus e a imortalidade da alma; (2) pode esclarecer certas verdades da fé ao traçar analogias com as verdades naturais; e (3) pode ser empregada para refutar ideias que se oponham à doutrina sagrada.^[10]

Os medievais também mantiveram a aceção de filosofia como saber prático, como uma busca de normas ou recomendações para se alcançar a plenitude da vida. Santo Isidoro de Sevilha, ainda no século VII, definia a filosofia como “o conhecimento das coisas humanas e divinas combinado com uma busca pela vida moralmente boa”.^[11]

Tanto na Idade Média como em qualquer outra época da história ocidental, a compreensão do que é a filosofia reflete uma preocupação com questões essenciais para a vida humana em seus múltiplos aspectos. As concepções de filosofia do Renascimento e da Idade Moderna não são exceções. Também aí as noções do que seja a filosofia sintetizam as tentativas de oferecer respostas substantivas aos problemas mais inquietantes da época. O advento da era moderna fez ruir as próprias bases da sabedoria tradicional; e impôs aos intelectuais a tarefa de encontrar novas formas de conhecimento que pudessem restabelecer a confiança no intelecto e na razão. Para Francis Bacon - um dos primeiros filósofos modernos - a filosofia não deveria se contentar com uma atitude meramente contemplativa, como queriam os antigos e medievais; ao contrário, deveria buscar o conhecimento das essências das coisas a fim de obter o controle sobre os fenômenos naturais e, portanto, submeter a Natureza aos desígnios humanos.^[12] Para Descartes, a filosofia, na qualidade de metafísica, é a investigação das causas primeiras, dos princípios fundamentais. Esses princípios devem ser claros e evidentes, e devem formar uma base segura a partir da qual se possam derivar as outras formas de conhecimento. É nesse sentido, entendendo-se a filosofia como o conjunto de todos os saberes e a metafísica como a investigação das primeiras causas, que se deve



Frontispício da *Instauratio Magna*, de Francis Bacon, 1620. Na parte inferior está escrito: *Multi pertransibunt et augebitur scientia* ("Muitos passarão, e o conhecimento aumentará"). As colunas representam as limitações da filosofia antiga e medieval.

ler a famosa metáfora de Descartes: "Assim, a Filosofia é uma árvore, cujas raízes são a Metafísica, o tronco a Física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências".^[13]

Após Descartes, a filosofia assume uma postura crítica em relação a suas próprias aspirações e conteúdos. Os empiristas britânicos, influenciados pelas novas aquisições da ciência moderna, dedicaram-se a situar a investigação filosófica nos limites do que pode ser avaliado pela experiência. Segundo a orientação empirista, argumentos tradicionais da filosofia, como as demonstrações da existência de Deus, da imortalidade da alma e de essências imutáveis seriam inválidos, uma vez que as ideias com que operam não são adequadamente derivadas da experiência. De maneira análoga, Kant, ao elaborar sua doutrina da filosofia transcendental, rejeita a possibilidade de tratamento científico de muitos dos problemas da filosofia tradicional, uma vez que a adequada solução deles demandaria recursos que ultrapassam as capacidades do intelecto humano.

O empirismo britânico e o idealismo de Kant acentuam uma característica frequentemente destacada na filosofia: a de ser um "pensar sobre o pensamento"^[14] ou um "conhecer o conhecimento"^[15] Essa concepção reflexiva da filosofia, do pensamento que se volta para si mesmo, influenciará vários autores e escolas filosóficas, tanto do século XIX como do século XX. A fenomenologia, por exemplo, considerará a filosofia como um empreendimento eminentemente reflexivo. Segundo Edmund Husserl - o fundador da fenomenologia - a filosofia é uma ciência rigorosa dos fenômenos tal como nos aparecem, ou seja, tal como é a nossa consciência deles. Para descrevê-los, o filósofo deve pôr entre parênteses todas as suas pressuposições e preconceitos (até mesmo a certeza de que os

objetos existem) e restringir-se apenas aos conteúdos da consciência.

Com a virada linguística do início do século XX, muitos filósofos passam a considerar a filosofia como uma análise de conceitos. Para Wittgenstein, os problemas filosóficos tradicionais são todos resultantes de confusões linguísticas; e a tarefa do filósofo seria a de esclarecer o modo como os conceitos são empregados a fim de explicitar tais confusões. Numa abordagem mais positiva sobre a atividade filosófica, Strawson considera que a filosofia é análoga à gramática: assim como os estudiosos da gramática explicitam as regras que os falantes inconscientemente empregam, a filosofia explicitaria conceitos-chave que, na construção de nossas concepções e argumentos, adotamos sem ter plena consciência de suas implicações e relações.^[16]

A lista de concepções da filosofia propostas ao longo de sua história pode ser estendida indefinidamente. Sua variedade é tão grande que dificilmente se pode encontrar um elemento que perpassa todas as concepções em todas as épocas. Mas não se pode esquecer que as antigas concepções de filosofia tornaram-se algo obsoleto frente ao avanço de outras disciplinas que antes se abrigavam à sombra, excessivamente vasta, da filosofia. As concepções de autores antigos e medievais, e mesmo de alguns modernos, consideravam indiscriminadamente como filosóficas investigações que hoje denominamos simplesmente de científicas. Assuntos como as leis do movimento, a estrutura da matéria e o funcionamento dos processos psicológicos – que hoje consideramos como temas da física, da química e da psicologia, respectivamente – eram todos reunidos na noção de filosofia natural. Após a revolução científica do século XVII, as investigações da filosofia natural foram gradualmente se desvencilhando da filosofia e se constituíram em domínios específicos e independentes de pesquisa. De certa forma, os problemas clássicos da filosofia formam hoje um conjunto de assuntos elusivos que não se dobraram à metodologia indutiva e experimental das ciências.^[17] Mas isso não implica dizer que a filosofia atual seja mero resíduo do processo de crescimento e consolidação da ciência moderna. Dizer isso seria esquecer o aspecto profundamente dinâmico e reflexivo da filosofia. A reflexão filosófica não é algo que ocorra num limbo intelectual: ela acompanha de perto a evolução das ciências, da política, da religião e das artes.^[9] Essa evolução tende a apresentar novos problemas e desafios que, por escaparem ao estrito domínio da disciplina em que surgiram, podem ser chamados de "filosóficos".

Talvez não haja uma resposta categórica à pergunta "O que é filosofia?"^[9] Os filósofos divergem entre si sobre o que fazem, os problemas filosóficos ramificam-se indefinidamente e os métodos variam conforme a concepção do que seja o trabalho filosófico. Talvez a afirmação de Simmel de que só é possível entender a filosofia no âmbito da filosofia possa ser tomada como uma

advertência quando contrastada com o amplo espectro de conceitos sobre a sua natureza: ao adotar *uma* das diferentes orientações filosóficas, tratamos de *determinados* problemas e adotamos *determinados* métodos para tentar esclarecê-los; mas, dado que há *outras* concepções, conforme outros métodos e conforme outras finalidades, devemos modestamente reconhecer que essas concepções alternativas têm o mesmo direito de ostentar o título de “filosofia” que a nossa concepção.

Métodos da filosofia

Os trabalhos filosóficos são realizados mediante técnicas e procedimentos que integram os cânones do pensamento racional. Tradicionalmente, a filosofia destaca e privilegia a argumentação lógica, em linguagem natural ou em linguagem simbólica, como a ferramenta por excelência da apresentação e discussão de teorias filosóficas. A argumentação lógica está associada a dois elementos importantes: a articulação rigorosa dos conceitos e a correta concatenação das premissas e conclusões, de modo que essas últimas sejam derivações incontestáveis das primeiras. Toda a ideia filosófica relevante é inevitavelmente submetida a escrutínio crítico; e a presença de falhas na argumentação (falácias, sofismas, etc.) é frequentemente o primeiro alvo das críticas. Desse modo, o destino de uma tese qualquer que não esteja amparada por argumentos sólidos e convincentes será, frequentemente, severamente rejeitada por parte da comunidade filosófica. Embora a reflexão sobre os princípios e métodos da lógica só tenha sido realizada pela primeira vez por Aristóteles, a ênfase na argumentação lógica e na crítica à solidez dos argumentos é uma característica que acompanha a filosofia desde os seus primórdios. A própria ruptura entre o pensamento mítico-religioso e o pensamento racional é assinalada pela adoção de uma postura argumentativa e crítica em relação às explicações tradicionais. Quando Anaximandro rejeitou as explicações de seu mestre – Tales de Mileto – e propôs concepções alternativas sobre a natureza e estrutura do cosmos, o pensamento humano dava seus primeiros passos em direção ao debate franco, público e aberto de ideias, orientado apenas por critérios racionais de correção, como forma destacada de se aperfeiçoar o conhecimento; e abandonava, assim, as narrativas tradicionais sobre a origem e composição do universo, apoiadas na autoridade inquestionável da tradição ou em ensinamentos esotéricos.^[18]



Discussão noite adentro de William Blades: o debate franco de ideias, conforme os padrões da argumentação lógica, é uma das características centrais da atividade filosófica.

Mas não se podem restringir os métodos da filosofia apenas à ênfase geral na argumentação lógica e na crítica sistemática às teorias apresentadas. Nas grandes tradições da história da filosofia, podem ser identificadas duas orientações bem abrangentes, cujos objetivos e técnicas tendem a diferir radicalmente: existem as escolas que privilegiam uma abordagem *analítica* dos problemas filosóficos e aquelas que optam por uma abordagem predominantemente *intética* ou *sinóptica*.^[3]

A orientação analítica é exemplificada nos trabalhos filosóficos que se dedicam à decomposição de um conceito em suas partes constituintes e ao exame criterioso das relações lógicas e conceptuais explicitadas pela análise. O exemplo clássico é a análise do conceito de *conhecimento*. A reflexão sobre a natureza do conhecimento levou os filósofos a decompor a noção de conhecimento em três noções associadas: crença, verdade e justificação. Para que algo seja conhecimento é imprescindível que seja antes uma crença – em outras palavras, o conhecimento é uma espécie diferenciada do gênero mais abrangente da crença. A pergunta óbvia que essa primeira constatação sugere é: o que diferencia, então, o conhecimento das demais formas de crença? Nesse ponto, o exame do conceito conduz a duas noções distintas. Em primeiro lugar, à noção de verdade. Intuitivamente separamos as crenças falsas das verdadeiras. É por isso que mantemos a crença de que Papai Noel existe num patamar diferente da crença de que a Lua gira em torno da Terra – quem sustenta a primeira, tem apenas uma crença; quem sustenta a última, provavelmente sabe algo sobre o sistema solar, pois exprime uma crença verdadeira. Mas, para que seja promovida à condição de conhecimento, a crença precisa de algo mais: ela precisa ser apoiada por alguma espécie de justificação. Além de sustentar uma crença verdadeira, o sujeito deve ser capaz de apresentar os meios ou as fontes, consideradas universalmente legítimas, que lhe propiciaram chegar à crença em questão. Feito esse exame, a conclusão é a célebre fórmula: *o conhecimento é crença verdadeira justificada*.^[19] Nesse e em muitos outros casos envolvendo noções filosoficamente relevantes, o trabalho de análise é capaz de explicitar pressupostos importantes implicitamente presentes no uso dos conceitos.



Kant deduzindo coisas que não são passíveis de ser experienciadas.

Trabalho artístico de Friedrich Hagermann, 1801

A outra orientação – a sintética – percorre o caminho oposto ao da análise. Os adeptos dessa orientação buscam elaborar uma síntese de várias noções relevantes e apresentá-las como um todo harmônico.^[3] Às vezes chamada de “filosofia especulativa”, essa orientação filosófica pretende revelar princípios universais que possam reunir organicamente vários elementos díspares, que aparentemente não guardam relações relevantes entre si.^[20] Um caso paradigmático dessa orientação é a filosofia hegeliana, cujo fito é integrar numa dinâmica panteísta a evolução das mais diversas formas de manifestação da cultura humana – artes, leis, governos, religiões, ciências e filosofias.

Desde o surgimento da ciência moderna, vários filósofos buscaram separar a investigação filosófica da investigação científica por meio de uma caracterização dos métodos peculiares à filosofia. Como as ciências especiais privilegiam a investigação empírica, especialmente por adoção de métodos experimentais, defendeu-se que a adoção de métodos *a priori* (isto é, de métodos que *antecedem* a investigação empírica ou são dela *independentes*) seria o traço definidor do trabalho filosófico. Nos casos da argumentação lógica, da análise conceptual e da síntese compreensiva não há necessidade de observação dos fenômenos para que se decida se uma conclusão é ou não é logicamente correta, se um conceito está sendo ou não corretamente empregado ou se uma visão sinóptica é ou não é incoerente. Isso não implica um divórcio entre a ciência e a filosofia. Ao contrário, implica que os filósofos estão aptos a analisar os conceitos e argumentos das ciências especiais, e, *nesse domínio*, podem prestar um serviço relevante ao aperfeiçoamento das teorias científicas.

Além das orientações metodológicas acima explicadas, há outras duas estratégias que podem ser caracterizados como métodos *a priori*. Os experimentos mentais e os argumentos transcendentais. Um experimento mental (às vezes também chamado de "experiência de pensamento") é a elaboração de uma situação puramente hipotética – geralmente impossível de ser construída na prática – por meio da qual o filósofo testa os limites de determinados pressupostos ou conceitos. O experimento mental mais famoso da história da filosofia é a hipótese do Gênio Maligno concebida por Descartes: ao imaginar um deus onipotente que se dedica a ludibriá-lo, Descartes leva o ceticismo ao seu extremo a fim de identificar uma certeza inabalável capaz de superar até mesmo a hipótese do Gênio Maligno. (Essa hipótese recebeu uma roupagem moderna na elaboração de outro experimento mental – o cérebro numa cuba).^[21]

O outro método – o dos argumentos transcendentais – foi concebido por Kant, e consiste em tomar como dados os fatos da experiência, e deduzir coisas que não são passíveis de ser experienciadas, mas que constituem a própria condição de possibilidade daqueles fatos. Com essa espécie de argumento, Kant concluiu, por exemplo, que a forma pura do espaço é uma das condições necessárias pressupostas pela experiência dos objetos externos, pois sem ela tal experiência seria impossível.^[22]

Embora o emprego da lógica formal, da análise conceptual e dos experimentos mentais sejam constantes na filosofia contemporânea, predomina hoje, sobretudo na tradição analítica, a orientação que se convencionou chamar de naturalismo filosófico. Essa orientação tem suas origens nos trabalhos do filósofo americano Willard Van Orman Quine (1908-2000) que criticam a distinção entre questões conceptuais e empíricas. Os adeptos do naturalismo rejeitam a suposição de que a filosofia se diferencie das ciências por um conjunto de métodos próprios: os problemas filosóficos e os científicos pertencem a uma única e mesma esfera e, portanto, os métodos científicos, historicamente bem-sucedidos, devem também ser aplicados à problemática filosófica.

Disciplinas filosóficas

A filosofia é geralmente dividida em áreas de investigação específica. Em cada área, a pesquisa filosófica dedica-se à elucidação de problemas próprios, embora sejam muito comuns as interconexões. As áreas tradicionais da filosofia são as seguintes:



O dilema do bonde é um experimento mental para ilustrar e colocar à prova distintas teorias éticas

- **Metafísica** ocupa-se da elaboração de teorias sobre a realidade e sobre natureza fundamental de todas as coisas. O objetivo da metafísica é fornecer uma visão abrangente do mundo – uma visão sinóptica que reúna em si os diversos aspectos da realidade. Uma das subáreas da metafísica é **ontologia** (literalmente, a ciência do "ser"), cujo tema principal é a elaboração de escalas de realidade. Nesse sentido, a ontologia buscaria identificar as entidades básicas ou elementares da realidade e mostrar como essas se relacionam com os demais objetos ou indivíduos - de existência dependente ou derivada.^[23]
- **Epistemologia** ou **teoria do conhecimento** é a área da filosofia que estuda a natureza do conhecimento, sua origem e seus limites. Dessa forma, entre as questões típicas da epistemologia estão: "O que diferencia o conhecimento de outras formas de crença?", "O que podemos conhecer?", "Como chegamos a ter conhecimento de algo?"^[23]
- **Lógica** é a área que trata das estruturas formais do raciocínio perfeito – ou seja, daqueles raciocínios cuja conclusão preserva a verdade das premissas. Na lógica são estudados, portanto, os métodos e princípios que permitem distinguir os raciocínios corretos dos raciocínios incorretos.^[24]
- **Ética** ou **filosofia moral** é a área da filosofia que trata das distinções entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Procura identificar os meios mais adequados para aprimorar a vida moral e para alcançar uma vida moralmente boa. Também no campo da ética dão-se as discussões a respeito dos princípios e das regras morais que norteiam a vida em sociedade, e sobre quais seriam as justificativas racionais para adotar essas regras e princípios.^[23]
- **Filosofia política** é o ramo da filosofia que investiga os fundamentos da organização sociopolítica e do Estado. São tradicionais nessa área, as hipóteses sobre o contrato original que teria dado início à vida em sociedade, instituído o governo, os deveres e os direitos dos cidadãos. Muitas dessas situações hipotéticas são elaboradas no intuito de recomendar mudanças ou reformas políticas aptas a aproximar as sociedades concretas de um determinado ideal político.^[23]
- **Estética** ou **filosofia da arte** entre as investigações dessa área, encontram-se aquelas sobre a natureza da arte e da experiência estética, sobre como a experiência estética se diferencia de outras formas de experiência, e sobre o próprio conceito de belo.^[23]
- **Metafilosofia** é a "filosofia da filosofia". Procura determinar entre outras coisas, o que é, suas limitações e o objetivo da filosofia enquanto ramo do saber humano.

Cronologia

História

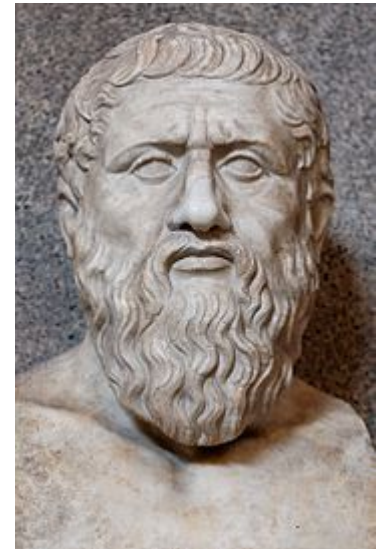
A filosofia ocidental surgiu na Grécia antiga no século VI a.C. A partir de então, uma sucessão de pensadores originais – como Tales, Xenófanes, Pitágoras, Heráclito e Protágoras – empenhou-se em responder, racionalmente, questões acerca da realidade última das coisas, das origens e características do verdadeiro conhecimento, da objetividade dos valores morais, da existência e natureza dos deuses (ou de Deus). Muitas das questões levantadas por esses antigos pensadores são, ainda, temas importantes da filosofia contemporânea.^[25]

Durante as Idades Antiga e Medieval, a filosofia compreendia praticamente todas as áreas de investigação teórica. Em seu escopo figuravam desde disciplinas altamente abstratas – em que se estudavam o "ser enquanto ser" e os princípios gerais do raciocínio – até pesquisas sobre fenômenos mais específicos – como a queda dos corpos e a classificação dos seres vivos. Especialmente a partir do século XVII, vários ramos do conhecimento começam a se desvencilhar da filosofia e a se constituir em ciências independentes com técnicas e métodos próprios (priorizando, sobretudo, a observação e a experimentação).^[26] Apesar disso, a filosofia atual ainda pode ser vista como uma disciplina que trata de questões gerais e abstratas que sejam relevantes para a fundamentação das demais ciências particulares ou demais atividades culturais. A princípio, tais questões não poderiam ser convenientemente tratadas por métodos científicos.^[27]

Por razões de conveniência e especialização, os problemas filosóficos são agrupados em subáreas temáticas: entre elas as mais tradicionais são a metafísica, a epistemologia, a lógica, a ética, a estética e a filosofia política

As atividades a que nos dedicamos cotidianamente pressupõem a aceitação de diversas crenças e valores de que nem sempre estamos cientes. Acreditamos habitar um mundo constituído de diferentes objetos, de diversos tamanhos e cores. Acreditamos que esse mundo organiza-se num espaço tridimensional e que o tempo segue a sua marcha inexorável numa única direção. Acreditamos que as pessoas ao redor são em tudo semelhantes a nós, vêem as mesmas coisas, têm os mesmos sentimentos e sensações e as mesmas necessidades. Buscamos interagir com outras pessoas, e encontrar alguém com quem compartilhar a vida e, talvez, constituir família, pois tudo nos leva a crer que essa é uma das condições para a nossa felicidade. Periodicamente reclamamos de abusos na televisão,

em propagandas e noticiários, na crença de que há certos valores que estão sendo transgredidos por puro sensacionalismo. Em todos esses casos, nossas crenças e valores determinam nossas ações e atitudes sem que eles sequer nos passem pela cabeça. Mas eles estão lá, profundamente arraigados e extremamente influentes. Enquanto estamos ocupados em trabalhar, pagar as contas ou divertir-nos, não vemos necessidade de questionar essas crenças e valores. Mas nada impede que, em determinado momento, façamos uma reflexão profunda sobre o significado desses valores e crenças fundamentais e sobre a sua consistência. É nesse estado de espírito que formularemos perguntas como: “O que é a realidade em si mesma?”, “O que há por trás daquilo que vejo, ouço e toco?”, “O que é o espaço? E o que é o tempo?”, “Se o que aconteceu há um centésimo de segundo já é passado, será que o presente não é uma ficção?”, “Será que tudo o que acontece é sempre antecedido por causas?”, “O que é a felicidade? E como alcançá-la?”, “O que é o certo e o errado?”, “O que é aliberdade?”.



Platão, 427-347 a.C. cópia romana em mármore de um original grego do último quarto do século IV a.C., nos Museus Vaticanos



De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? por Paul Gauguin, 1897/98, no Museu de Belas Artes de Boston

Essas perguntas são tipicamente filosóficas e refletem algo que poderíamos chamar de atitude filosófica perante o mundo e perante nós mesmos. É a atitude de nos voltarmos para as nossas crenças mais

fundamentais e esforçar-nos por compreendê-las, avaliá-las e justificá-las. Muitas delas parecem ser tão óbvias que ninguém em sã consciência tentaria sinceramente questioná-las. Poucos colocariam em questão máximas como “Matar é errado”, “A democracia é melhor que a ditadura”, “A liberdade de expressão e de opinião é um valor indispensável”. Mas, a atitude filosófica não reconhece domínios fechados à

investigação. Mesmo em relação a crenças e valores que consideramos absolutamente inegociáveis, a proposta da filosofia é a de submetê-los ao exame crítico, racional e argumentativo, de modo que a nossa adesão seja restabelecida em novo patamar. Em outras palavras, a proposta filosófica é a de que, se é para sustentarmos certas crenças e valores, que sejam sustentados de maneira crítica e refletida.

Muitos autores identificam essa atitude filosófica com uma espécie de habilidade ou capacidade de se admirar com as coisas, por mais prosaicas que sejam. Na base da filosofia, estaria a curiosidade típica das crianças ou dos que não se contentam com respostas prontas. Platão, um dos pais fundadores da filosofia ocidental, afirmava que o sentimento de assombro ou admiração está na origem do pensamento filosófico:

A admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia.

— Platão, Teeteto.^[28]

Na mesma linha, afirmava Aristóteles:

Os homens começam e sempre começaram a filosofar movidos pela admiração.

— Aristóteles, Metafísica, I 2.^[29]

Embora essa capacidade de admirar-se com a realidade possa estar na origem do pensamento filosófico, isso não significa que tal admiração provoque apenas e tão somente filosofia. O sentimento religioso, por exemplo, pode igualmente surgir dessa disposição: a aparente perfeição da natureza, as sincronias dos processos naturais, a complexidade dos seres vivos podem causar profunda impressão no indivíduo e levá-lo a indagar se o responsável por tudo isso não seria uma Inteligência Superior. Uma paisagem que a todos parecesse comum e sem atrativos poderia atrair de modo singular o olho do artista e fazê-lo criar uma obra de arte que revelasse nuances que escaparam ao olhar comum. Analogamente, embora a queda de objetos seja um fenômeno corriqueiro, se nenhum

cientista tivesse considerado esse fenômeno surpreendente ou digno de nota, não saberíamos nada a respeito da gravidade. Esses exemplos sugerem que, além de certa atitude em relação à nossa experiência da realidade, há um modo de interpelar a realidade e nossas crenças a seu respeito que diferenciariam essa investigação da religião, da arte e da ciência.

Ao contrário da religião, que se estabelece entre outras coisas sobre textos sagrados e sobre a tradição, a filosofia recorre apenas à razão para estabelecer certas teses e refutar outras. Como já mencionado acima a filosofia não admite dogmas. Não há, em princípio, crenças que não estejam sujeitas ao exame crítico da filosofia. Disso não decorre um conflito irreconciliável entre a filosofia e a religião. Há filósofos que argumentam em favor de teses caras às religiões, como, por exemplo, a existência de Deus e a imortalidade da alma. Mas um argumento propriamente filosófico em favor da imortalidade da alma apresentará como garantias apenas as suas próprias razões: ele apelará somente ao assentimento racional, jamais fé ou à obediência.^[30]

Os artistas assemelham-se aos filósofos em sua tentativa de desbanalizar a nossa experiência do mundo e alcançar assim uma compreensão mais profunda de nós mesmos e das coisas que nos cercam. Mas a forma em que apresentam seus resultados é bastante diferente. Os artistas recorrem à percepção direta e à intuição;^[30] enquanto a filosofia tipicamente apresenta seus resultados de maneira argumentativa, lógica e abstrata.

Mas, se essa insistência na razão diferencia a filosofia da religião e da arte, o que a diferenciaria das ciências, uma vez que também essas privilegiam uma abordagem metódica e racional dos fenômenos? A diferença é que os problemas tipicamente filosóficos não podem ser resolvidos por observação e experimentação.^[30] Não há experimentos e observações empíricas que possam decidir qual seria a noção de “direitos humanos” mais adequada do ponto de vista da razão. O mesmo vale para outras noções, tais como “liberdade”, “justiça” ou “falta moral”. Não há como resolver em laboratório questões como: “quando tem início o ser humano?”, “os animais podem ser sujeitos de direitos?”, “em que medida o Estado pode interferir na vida dos cidadãos?”, “As entidades microscópicas postuladas pelas ciências têm o mesmo grau de realidade que os objetos da nossa experiência cotidiana (pessoas, animais, mesas, cadeiras, etc.)?”. Em resumo, quando um tópico é defendido ou criticado com argumentos racionais, e essa defesa ou ataque não pode contar com observações e experimentos para a sua solução, estamos diante de um debate filosófico.

Pensamento mítico e pensamento filosófico

Como em muitas outras sociedades antigas, as narrativas míticas desempenhavam uma função central na sociedade grega. Além de estabelecer marcos importantes na vida social, os mitos gregos promoviam uma concepção de mundo de natureza religiosa que propiciava respostas às principais indagações existenciais que desde sempre inquietaram o espírito humano. Os eventos históricos, os fenômenos naturais e os principais eventos da vida humana (nascimento, casamento, doença e morte) eram entrelaçados às histórias tradicionais sobre conflitos entre deuses, intercâmbios entre deuses e homens e feitos memoráveis deuses.

Originalmente, a palavra grega *mythos* significava simplesmente palavra ou fala;^[31] mas o termo remetia também à noção de uma palavra proferida com autoridade.^[32] As histórias épicas de Homero, permeadas de intervenções sobrenaturais, ou a teogonia de Hesíodo eram *mythos* no sentido de serem anúncios revestidos de autoridade, dignos de crédito e reverência. Gradualmente, o termo foi assumindo outro sentido e já à época de Platão e Aristóteles o *mythos* era empregado para caracterizar histórias fictícias ou absurdas que se afastariam do *logos* - isto é, do discurso racional.^[33] Aristóteles, por exemplo, considerava a filosofia como um empreendimento intelectual completamente distinto das elaborações mitológicas. Na *Metafísica*, ao tratar do problema da incorruptibilidade, Aristóteles menciona Hesíodo e, logo em seguida, descarta peremptoriamente suas opiniões, pois, segundo ele, “não precisamos perder tempo investigando seriamente as sutilezas dos criadores de mitos.”^[34]

Pode-se dizer que a filosofia surge como uma espécie de rompimento com a visão mítica do mundo. Enquanto os mitos se organizavam em narrações, imagens e seres particulares, a filosofia inaugurava o discurso argumentativo, abstrato e universal. Além disso, ao contrário dos autores de mitos, os filósofos gregos tentaram com afinco elaborar concepções de mundo que fossem isentas de contradições e imperfeições lógicas.

Desse modo, não é sem razão que muitos autores enfatizam o caráter de ruptura e divergências ao comparar o advento da filosofia com a tradição mítica da Grécia antiga. Mas, embora sejam inegáveis as diferenças, mais recentemente vários estudiosos têm apontado os pontos de continuidade e semelhança entre as primeiras elucubrações filosóficas dos gregos e as suas concepções

mitológicas.^[35] Para esses autores, as peculiaridades da tradição mítica grega favoreceram o surgimento da filosofia grega e os primeiros filósofos empenharam-se numa espécie de dessacralização e despersonalização das narrativas tradicionais sobre o surgimento e organização do cosmos.

Filosofia antiga

Babilônia

Grécia Antiga

A filosofia antiga teve início no século VI a.C. e se estendeu até a decadência do império romano no século V d.C. Pode-se dividi-la em quatro períodos: (1) o período dos pré-socráticos (2) um período humanista, em que Sócrates e os sofistas trouxeram as questões morais para o centro do debate filosófico; (3) o período áureo da filosofia em Atenas, em que despontaram Platão e Aristóteles; (4) e o período helenístico. Às vezes, se distingue um quinto período, que compreende os primeiros filósofos cristãos e os neoplatonistas.^[36] Os dois autores mais importantes da filosofia antiga em termos de influência posterior foram Platão e Aristóteles.

Os primeiros filósofos gregos, geralmente chamados de pré-socráticos, dedicaram-se a especulações sobre a constituição e a origem do mundo. O principal intuito desses filósofos era descobrir um elemento primordial, eterno e imutável que fosse a matéria básica de todas as coisas. Essa substância imutável era chamada de physis (palavra grega cuja tradução literal seria natureza, mas que na concepção dos primeiros filósofos compreendia a totalidade dos seres, inclusive entidades divinas),^[37] e, por essa razão, os primeiros filósofos também foram conhecidos como os physiologoi (literalmente “fisiólogos”, isto é, os filósofos que se dedicavam ao estudo da physis).^[38] A questão da essência material imutável foi a primeira feição assumida por uma inquietação que percorreu praticamente toda a filosofia grega. Essa inquietação pode ser traduzida na seguinte pergunta: existe uma realidade imutável por trás das mudanças caóticas dos fenômenos naturais? Já os próprios pré-socráticos propuseram respostas extremas a essa pergunta. Parmênides de Eleia defendeu que a perene mutação das coisas não passa de uma ilusão dos sentidos, pois a razão revelaria que o Ser é único, imutável e eterno.^[39] Heráclito de Éfeso, por outro lado, defendeu uma posição diametralmente oposta: a própria essência das coisas é mudança, e seriam vãos os esforços para buscar uma realidade imutável.^[40]

Tais especulações, que combinavam a oposição entre realidade e aparência com a busca de uma matéria primordial, culminaram na filosofia atomista de Leucipo e Demócrito. Para esses filósofos a substância de todas as coisas seriam partículas minúsculas e invisíveis – os átomos – em perene movimentação no vácuo. E os fenômenos que testemunhamos cotidianamente são resultado da combinação, separação e recombinação desses átomos.

A teoria de Demócrito representou o ápice da filosofia da physis, mas também o seu esgotamento. As transformações sociopolíticas, especialmente em Atenas, já impunham novas demandas aos sábios da época. A democracia ateniense solicitava novas habilidades intelectuais, sobretudo a capacidade de persuadir. É nesse momento que se destacam os filósofos que se dedicam justamente a ensinar a retórica e as técnicas de persuasão – os sofistas. O ofício dessa nova espécie de filósofos trazia como pressuposto a ideia de que não há verdades absolutas. O importante seria dominar as técnicas da boa argumentação, pois, dominando essas técnicas, o indivíduo poderia defender qualquer opinião, sem se preocupar com a questão de sua veracidade. De fato, para os sofistas, a busca da verdade era uma pretensão inútil. A verdade seria apenas uma questão de aceitação coletiva de uma crença, e, a princípio, não haveria nada que impedisse que o que hoje é tomado como verdade, amanhã fosse considerado uma tolice.^[41]

O contraponto a esse relativismo dos sofistas foi Sócrates. Embora partilhasse com os sofistas certa indiferença em relação aos valores tradicionais, Sócrates dedicou-se à busca de valores perenes. Sócrates não deixou nenhum registro escrito de suas ideias. Tudo o que sabemos dele chegou-nos através do testemunho de seus discípulos e contemporâneos. Segundo dizem, Sócrates teria defendido que a virtude é conhecimento e as faltas morais provêm da ignorância.^[42] O indivíduo que adquirisse o conhecimento perfeito seria inevitavelmente bom e feliz. Por outro lado, essa busca simultânea do conhecimento e da bondade deve começar pelo exame profundo de si mesmo e das crenças e valores aceitos acriticamente. Segundo contam, Sócrates foi um inquiridor implacável e fez fama por sua habilidade de levar à exasperação os seus antagonistas. Ao concidadão que se dizia justo, Sócrates perguntava “O que é a justiça?”, e depois se dedicava a demolir todas as tentativas de responder à pergunta.

A atitude de Sócrates acabou por lhe custar a vida. Seus adversários conseguiram levá-lo a julgamento por impiedade e corrupção de jovens. Sócrates foi condenado à morte – mais especificamente, a envenenar-se com cicuta. Segundo o relato de Platão, o seu mais famoso discípulo, Sócrates cumpriu a sentença com absoluta serenidade e destemor.

Coube a Platão levar adiante os ensinamentos do mestre e superá-los. Platão realiza a primeira grande síntese da filosofia grega. Em seus diálogos, combinam-se as antigas questões dos pré-socráticos com as urgentes questões morais e políticas, o discurso racional com a intuição mística, a elucubração lógica com a obra poética, os mitos com a ciência.

Segundo Platão, os nossos sentidos só nos permitem perceber uma natureza caótica, em que as mudanças e a diversidade aparentam não obedecer a nenhum princípio regulador; mas a razão, ao contrário, é capaz de ir além dessas aparências e captar as formas imutáveis que são as causas e modelos de tudo o que existe. A geometria fornece um bom exemplo. Ao demonstrar seus teoremas os geômetras empregam figuras imperfeitas. Por mais acurado que seja o compasso, os desenhos de círculos sempre conterão irregularidades e imperfeições. As figuras sensíveis do círculo estão sempre aquém de seu modelo – e esse modelo é a própria ideia de círculo, concebível apenas pela razão. O mesmo ocorre com os demais seres: os cavalos que vemos são todos diferentes entre si, mas há um princípio unificador – a ideia de cavalo – que nos faz chamar a todos de cavalos. Com os valores, não seria diferente. As diferentes opiniões sobre questões morais e estéticas devem-se a uma visão empobrecida das coisas. Os que empreenderem uma busca sincera alcançarão a concepção do Belo em si mesmo e do Bem em si mesmo.

Ao contrário do que o termo "ideias" possa sugerir, Platão não as considera como meras construções psicológicas; ao contrário, ele lhes atribui realidade objetiva. As ideias constituem um mundo suprassensível – ou seja, uma dimensão que não podemos ver e tocar, mas que podemos captar como os “olhos” da razão. Essa é a famosa teoria das ideias de Platão. Ele a ilustra numa alegoria igualmente célebre – alegoria da caverna.

Platão nos convida a imaginar uma caverna em que se acham vários prisioneiros. Eles estão amarrados de tal maneira que só podem ver a parede do fundo da caverna. Às costas dos prisioneiros há um muro da altura de um homem. Por trás desse muro, transitam várias pessoas carregando estátuas de diversas formas – todas elas são réplicas de coisas que vemos cotidianamente (árvores, pássaros, casas etc.). Há também uma grande fogueira, atrás desse muro e dos carregadores. A luz da fogueira faz com que as sombras das estátuas sejam projetadas sobre o fundo da parede. Os barulhos e falas dos carregadores reverberam no fundo da caverna, dando aos prisioneiros a impressão de que são oriundos das sombras que eles veem. Nessa situação imaginária, os prisioneiros pensariam que as sombras e os ecos constituem tudo o que existe. Como nunca puderam ver nada além das sombras projetadas na parede da caverna, acreditam que apenas as sombras são reais.

Após apresentar esse cenário, Platão sugere que, se um desses prisioneiros conseguisse se libertar, veria, com surpresa, que as estátuas que sempre estiveram atrás dos prisioneiros são mais reais do que aquelas sombras. Ao sair da caverna, a luz o ofuscaria; mas, após se acostumar com a claridade, veria que as coisas da superfície são ainda mais reais do que as estátuas. Esse prisioneiro que se liberta é o filósofo, e a sua jornada em direção à superfície representa a o percurso da razão em sua lenta ascensão ao conhecimento perfeito.



A Morte de Sócrates, Jacques-Louis David, 1787, no Metropolitan Museum of Art



A *Escola de Atenas* representa os mais importantes filósofos, matemáticos e cientistas da Antiguidade por Rafael, 1509, nos Museus Vaticanos

Aristóteles, discípulo de Platão e preceptor de Alexandre, o Grande rejeitou a teoria das ideias. Para ele, a hipótese de uma realidade separada e independente, constituída apenas por entidades inteligíveis, era uma duplicação do mundo absolutamente desnecessária.^[43] Na visão de Aristóteles, a essência de uma coisa não consiste numa ideia suplementar e separada, mas numa forma que lhe é imanente. Essa forma imanente é o que dá organização e estrutura à matéria, e propicia, no caso dos organismos vivos, o seu desenvolvimento conforme a sua essência. Aristóteles também divergiu de Platão sobre o valor da experiência na aquisição do conhecimento. Enquanto na filosofia platônica, há uma perene desconfiança em relação ao saber derivado dos sentidos, na filosofia aristotélica o conhecimento adquirido pela visão, audição, tato etc. é considerado como o ponto de partida do empreendimento científico.

Aristóteles foi um pesquisador infatigável, e seus interesses abarcavam praticamente todas as áreas do conhecimento. Foi o fundador da biologia; e o criador da lógica como disciplina. Fez contribuições originais e duradouras em metafísica e teologia, ética e política, psicologia e estética. Além de ter contribuído nas mais diversas disciplinas, Aristóteles realizou a primeira grande sistematização das ciências, organizando-as conforme seus métodos e abrangência. Em cada uma das disciplinas que criou, ou ajudou a criar, Aristóteles cunhou uma terminologia que até hoje está presente no vocabulário científico e filosófico: como exemplos, podem-se mencionar as palavras substância, categoria, energia, princípio e forma.^[44]

Na transição do século IV para o século III a.C., durante o período helenístico, formam-se duas escolas filosóficas cujos ensinamentos representam uma clara mudança de ênfase em relação à Academia de Platão e à escola peripatética de Aristóteles. Sua preocupação é principalmente a redenção pessoal. Tanto para Epicuro (ca.341-270 a.C.) e seus seguidores como para Zenão de Cítio e demais estoicos o principal objetivo da filosofia deveria ser a obtenção da serenidade de espírito. As duas escolas também se assemelham na crença de que esse objetivo passa por uma espécie de harmonização entre o indivíduo e a natureza, mas divergem quanto à forma de se realizar essa harmonização. Para Epicuro, a sintonia com a natureza supõe a aceitação das necessidades e desejos naturais e dos prazeres sensoriais. Dessa forma, ele preconiza a fruição moderada dos prazeres e a comedida gratificação dos desejos.^[45] Os estoicos, por outro lado, sustentavam a crença de que o cosmos e os seres humanos partilhavam do mesmo *logos* divino. O ideal filosófico de vida seria, na concepção dos estoicos, a adesão à necessidade racional da natureza e o desenvolvimento de uma absoluta imperturbabilidade (*ataraxia*) em relação aos fatos e eventos do mundo.^[46]

A Antiguidade tardia viu, ainda, o florescimento de uma nova interpretação do platonismo, de acentuada tendência mística – o chamado Neoplatonismo. Seu principal representante, Plotino (205-270), defendeu que o princípio fundamental e divino do universo seria o Uno e que desse princípio fundamental emanavam novas realidades, de diferentes graus de perfeição. O universo material e sensível – o "mundo das sombras" da alegoria platônica – seria uma emanção distante do Uno, e, por isso, apresentaria os traços de imperfeição e inconstância que o caracterizam.^[47]

Império Romano

O pensamento filosófico no Império Romano foi basicamente um prolongamento da filosofia helenística/grega. Influenciados pelo estoicismo e pelo epicurismo, seus filósofos preocupavam-se principalmente commoral e ética. Alguns de seus maiores nomes foram Sêneca, Epiteto e o imperador Marco Aurélio.

África

A filosofia desenvolvida no Antigo Egito caracterizava-se pela flexibilidade, pragmatismo e a busca pelo controle das emoções.^[48]

De modo geral, a filosofia africana foi fortemente influenciada pela filosofia helenística (na Idade Antiga), pelas filosofias cristã (antiguidades clássica e tardia) e islâmica (desde o período medieval).

Filosofia oriental

China

O filósofo K'ung-fu-tzu (Confúcio, 551 a.C. – 479 a.C.) desenvolveu o sistema filosófico-religioso do Confucionismo. Este, valoriza os preceitos da bondade, cortesia, moral, integridade, fidelidade e honra.^[49]

Outros filósofos importantes foram: Mozi (470 a.C. - 391 a.C.), fundador do Moísmo que enfatiza o pragmatismo. Chuang-Tzu (369 a.C. - 286 a.C.) considerado um precursor do antinomismo, anarquismo, multiculturalismo e relatividade e, que criticava tanto confucionistas quanto moístas.

Índia

O período entre o quinto e nono século d.C foi a mais brilhante época no desenvolvimento da filosofia indiana, hindu e budista, filosofias que floresceram lado a lado.^[50]

Destas várias escolas de pensamento, a não-dualista Advaita Vedanta emergiu como a mais influente^[50] e a escola mais dominante.^[50] Os principais filósofos dessa escola foram Gaudapada, Adi Shankara e Vidyaranya.

Advaita Vedanta rejeita o teísmo e o dualismo, insistindo que Brahma a realidade final é sem partes ou atributos... um sem um segundo. Uma vez que Brahma não tem propriedades, não contém diversidade interna e é idêntico com o conjunto da realidade, não pode ser entendido como Deus.^[50] Brahma apesar de ser indescrevível é melhor descrito como Satchidananda (Existência, Consciência e Bem-Aventura) por Shankara.

Advaita inaugurou uma nova era na filosofia indiana e, como resultado, muitas novas escolas de pensamento surgiram no período medieval.



Adi Shankara 1904, por Raja Ravi Varma

Filosofia medieval

Europa

A filosofia medieval é a filosofia da Europa ocidental, oriental (Império Bizantino) e do Oriente Médio durante a Idade Média. Começa, aproximadamente, com a cristianização do Império Romano e encerra-se com a Renascença. A filosofia medieval pode ser considerada, em parte, como prolongamento da filosofia greco-romana^[51] e, em parte, como uma tentativa de conciliar o conhecimento secular e a doutrina sagrada.^[52]

A Idade Média carregou por muito tempo o epíteto depreciativo de "idade das trevas", atribuído pelos humanistas renascentistas e a filosofia desenvolvida nessa época sofreu o mesmo desprezo. No entanto, essa era de aproximadamente mil anos foi o mais longo período de desenvolvimento filosófico na Europa e um dos mais ricos. Jorge Gracia defende que “em intensidade, sofisticação e aquisições, pode-se corretamente dizer que o florescimento filosófico no século XIII rivaliza com a época áurea da filosofia grega no século IV a. C.”^[53]

Entre os principais problemas discutidos nessa época estão a relação entre fé e razão, a existência e unidade de Deus, o objeto da teologia e da metafísica, os problemas do conhecimento, dos universais e da individualização.

Entre os filósofos medievais do ocidente, merecem destaque Agostinho de Hipona, Boécio, Anselmo de Cantuária, Pedro Abelardo, Alberto Magno, Roger Bacon, Boaventura de Bagnoregio, Tomás de Aquino, João Duns Escoto, Guilherme de Ockham, Hugo de São Vitor, Eckhart de Hochheim e Raimundo Lúlio; no oriente os bizantinos Prisco de Pânio, Leão, o Matemático e Miguel Pselo; na civilização islâmica, Avicena, Averrois, Avempace, Alfarábi, Algazali, Alcindi e Suravardi; entre os judeus, Moisés Maimônides e Salomão ibne Gabirol.

Tomás de Aquino (1225-1274), fundador do tomismo, exerceu influência inigualável na filosofia e na teologia medievais. Em sua obra, ele deu grande importância à razão e à argumentação, e procurou elaborar uma síntese entre a doutrina cristã e a filosofia aristotélica. A filosofia de Tomás de Aquino representou uma reorientação significativa do pensamento filosófico medieval, até então muito influenciado pelo neoplatonismo e sua reinterpretação agostiniana.

Oriente Médio

No pensamento islâmico, o que se refere à filosofia durante a "idade de ouro islâmica", tradicionalmente datada entre os séculos 8 e 12, pode-se distinguir duas correntes principais. A primeira é a Kalam, que tratou principalmente de teologia islâmica. Estas incluem as Mu'tazili e Ash'ari. A outra é Falsafa, que foi fundada em interpretações de aristotelismo e neoplatonismo.

Houve tentativas por filósofos-teólogos posteriores a harmonizar ambas as tendências, nomeadamente através de Avicena que fundou a escola do Avicennismo entre outros.

Filosofia do Renascimento

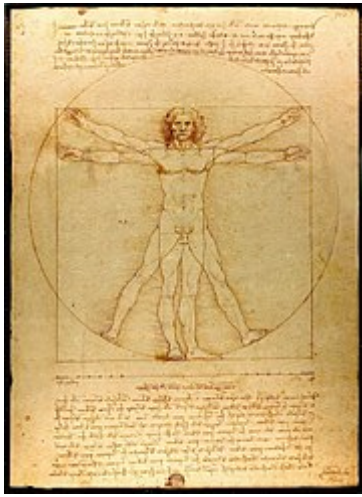
A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi marcada pelo Renascimento e pelo Humanismo.^[54] Nesse período de transição, a redescoberta de textos da Antiguidade^[55] contribuiu para que o interesse filosófico saísse dos estudos técnicos de lógica, metafísica e teologia e se voltasse para estudos ecléticos nas áreas da filologia, da moralidade e do misticismo. Os estudos dos clássicos e das letras receberam uma ênfase inédita e desenvolveram-se de modo independente da escolástica tradicional. A produção e disseminação do conhecimento e das artes deixam de ser uma exclusividade das universidades e dos acadêmicos profissionais, e isso contribuiu para que a filosofia vá aos poucos se desvincilhando da teologia. Em lugar de Deus e da religião, o conceito de homem assume o centro das ocupações artísticas, literárias e filosóficas.^[56]

O renascimento revigorou a concepção da natureza como um todo orgânico, sujeito à compreensão e influência humanas. De uma forma ou de outra, essa concepção está presente nos trabalhos de Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Bernardino Telesio e Galileu Galilei. Essa reinterpretação da natureza é acompanhada, em muitos casos, de um intenso interesse por magia, hermetismo e astrologia – considerados então como instrumentos de compreensão e manipulação da natureza.

À medida que a autoridade eclesial cedia lugar à autoridade secular e que o foco dos interesses voltava-se para a política em detrimento da religião, as rivalidades entre os Estados nacionais e as crises internas demandavam não apenas soluções práticas emergenciais, mas também uma profunda reflexão sobre questões pertinentes à filosofia política. Desse modo, a filosofia política, que



São Tomás de Aquino, por Carlo Crivelli, século XV, na National Gallery



O *Homem vitruviano*, de Leonardo Da Vinci, resume vários dos ideais do pensamento renascentista.

por vários séculos esteve dormente, recebeu um novo impulso durante o Renascimento. Nessa área, destacam-se as obras de Nicolau Maquiavel e Jean Bodin.^[57]

Filosofia moderna

A filosofia moderna é caracterizada pela preponderância da epistemologia sobre a metafísica. A justificativa dos filósofos modernos para essa alteração estava, em parte, na ideia de que, antes de querer conhecer tudo o que existe, seria conveniente conhecer o que se pode conhecer.^[58]

Geralmente considerado como o fundador da filosofia moderna,^[59] o cientista, matemático e filósofo francês René Descartes (1596-1650) redirecionou o foco da discussão filosófica para o sujeito pensante. O projeto de Descartes era o de

assentar o edifício do conhecimento sobre bases seguras e confiáveis. Para tanto, acreditava ele ser necessário um procedimento prévio de avaliação crítica e severa de todas as fontes do conhecimento disponível, num procedimento que ficou conhecido como dúvida metódica.

Segundo Descartes, ao adotar essa orientação, constatamos que resta como certeza inabalável a ideia de um eu pensante: mesmo que o sujeito ponha tudo em dúvida, se ele duvida, é porque pensa; e, se pensa, é porque existe. Essa linha de raciocínio foi celebrizada pela fórmula “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*).^{[60][61]} A partir dessa certeza fundamental, Descartes defendia ser possível deduzir rigorosamente, ao modo de um geômetra, outras verdades fundamentais acerca do sujeito, da natureza do conhecimento e da realidade.

No projeto cartesiano estão presentes três pressupostos básicos: (1) matemática, ou o método dedutivo adotado pela matemática, é o modelo a ser seguido pelos filósofos; (2) existem ideias inatas, absolutamente verdadeiras, que de alguma forma estão desde sempre inscritas no espírito humano; (3) a descoberta dessas ideias inatas não depende da experiência – elas são alcançadas exclusivamente pela razão. Esses três pressupostos também estão presentes nas filosofias de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Christian Wolff (1679-1754) e Baruch Spinoza (1632-1677), e constituem a base do movimento filosófico denominado racionalismo.^[62]

Se os racionalistas priorizavam o modelo matemático, a filosofia antagônica – o empirismo – enfatizava os métodos indutivos das ciências experimentais. O filósofo John Locke (1632-1704) propôs a aplicação desses métodos na investigação da própria mente humana. Em patente confronto com os racionalistas, Locke argumentou que a mente chega ao mundo completamente vazia de conteúdo – é uma espécie de lousa em branco ou tabula rasa, e todas as ideias com que ela trabalha são necessariamente originárias da experiência.^[63] Esse pressuposto também é adotado pelos outros dois grandes filósofos do empirismo britânico, George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776). John Locke influenciou também a filosofia política, sendo um dos principais teóricos na base do conceito moderno de democracia liberal.^[64]

As ideias do empirismo inglês também se difundiram na França; e o entusiasmo com as novas ciências levou os intelectuais franceses a defender uma ampla reforma cultural, que remodelasse não só a forma de se produzir conhecimento, mas também as formas de organização social e política. Esse movimento amplo e contestatório ficou conhecido como Iluminismo. Os filósofos iluministas rejeitavam qualquer forma de crença que se baseasse apenas na tradição e na autoridade, em especial as divulgadas pela Igreja Católica. Um dos marcos do Iluminismo francês foi a publicação da Encyclopédie. Elaborada sob a direção de Jean le Rond d’Alembert e Denis Diderot, essa obra enciclopédica inovadora incorporou vários dos valores defendidos pelos iluministas e contou com a colaboração de vários de seus nomes mais destacados, com Voltaire, Montesquieu e Rousseau.



René Descartes, fundador da filosofia moderna e do racionalismo. por Frans Hals, c. 1649-1700, no Museu do Louvre

Em 1781, Immanuel Kant publicou a sua famosa *Crítica da Razão Pura*, em que propõe uma espécie de síntese entre as teses racionalistas e empiristas. Segundo Kant, apesar de o nosso conhecimento depender de nossas percepções sensoriais, essas não constituem *todo* o nosso conhecimento, pois existem determinadas estruturas do sujeito que as antecedem e tornam possível a própria formação da experiência. O espaço, por exemplo, não é uma realidade que passivamente assimilamos a partir de nossas impressões sensoriais. Ao contrário, somos nós que impomos uma organização espacial aos objetos. Do mesmo modo, o sujeito não aprende, após inúmeras experiências, que todas as ocorrências pressupõem uma causa; antes, é a estrutura peculiar do sujeito que impõe aos fenômenos uma organização de causa e efeito. Uma das consequências da filosofia kantiana é estabelecer que as coisas em si mesmas não podem ser conhecidas. A fronteira de nosso conhecimento é delineada pelos fenômenos, isto é, pelos resultados da interação da realidade objetiva com os esquemas cognitivos do sujeito.

Filosofia do século XIX

Geralmente se considera que depois da filosofia de Kant tem início uma nova etapa da filosofia, que se caracterizaria por ser uma continuação e, simultaneamente, uma reação à filosofia kantiana. Nesse período desenvolve-se o idealismo alemão (Fichte, Schelling e Hegel), que leva as ideias kantianas às últimas consequências. A noção de que há um universo inteiro (a realidade em si mesma) inalcançável ao conhecimento humano, levou os idealistas alemães a assimilar a realidade objetiva ao próprio sujeito no intuito de resolver o problema da separação fundamental entre sujeito e objeto. Assim, por exemplo, Hegel postulou que o universo é espírito. O conjunto dos seres humanos, sua história, sua arte, sua ciência e sua religião são apenas manifestações desse espírito absoluto em sua marcha dinâmica rumo ao autoconhecimento.^[65] Enquanto na Alemanha, o idealismo apoderava-se do debate filosófico, na França, Auguste Comte retomava uma orientação mais próxima das ciências e inaugurava o positivismo e a sociologia. Na visão de Comte, a humanidade progride por três estágios: o estágio teológico, o estágio metafísico e, por fim, o estágio positivo. No primeiro estágio, as explicações são dadas em termos mitológicos ou religiosos; no segundo, as explicações tornam-se abstratas, mas ainda carecem de cientificidade; no terceiro estágio, a compreensão da realidade se dá em termos de leis empíricas de “sucessão e semelhança” entre os fenômenos.^[66] Para Comte, a plena realização desse terceiro estágio histórico, em que o pensamento científico suplantaria todos os demais, representaria a aquisição da felicidade e da perfeição.^[67]

Também no campo do desenvolvimento histórico, Marx e Engels davam uma nova formulação ao socialismo. Eles fazem uma releitura materialista da dialética de Hegel no intuito de analisar e condenar o sistema capitalista. Desenvolvem a teoria da mais-valia, segundo a qual o lucro dos capitalistas dependeria inevitavelmente da exploração do proletariado. Sustentam que o estado, as formas político-institucionais e as concepções ideológicas formavam uma superestrutura construída sobre a base das relações de produção.^[68] e que as contradições resultantes entre essa base econômica e a superestrutura levariam as sociedades inevitavelmente à revolução e ao socialismo.

No campo da ética, os filósofos ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) elaboram os princípios fundamentais do utilitarismo.^[69] Para eles, o valor ético não é algo intrínseco à ação realizada; esse valor deve ser mensurado conforme as consequências da ação, pois a ação eticamente recomendável é aquela que maximiza o bem-estar na coletividade.

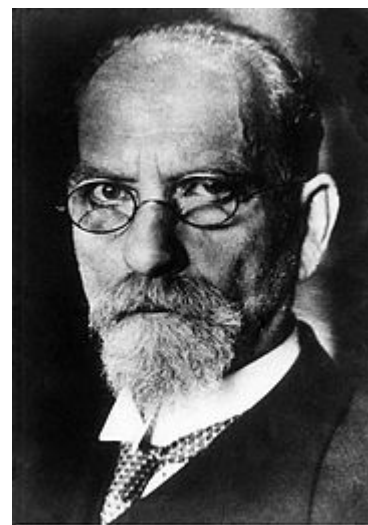
Talvez a teoria que maior impacto filosófico provocou no século XIX não tenha sido elaborada por um filósofo. Ao propor sua teoria da evolução das espécies por seleção natural, Charles Darwin (1809-1882) estabeleceu as bases de uma concepção de mundo profundamente revolucionária. O filósofo que melhor percebeu as sérias implicações da teoria de Darwin para todos os campos de estudo foi Herbert Spencer (1820-1903). Em várias publicações, Spencer elaborou uma filosofia evolucionista que aplicava os princípios da teoria da evolução aos mais variados assuntos, especialmente à psicologia, ética e sociologia.

Também no século XIX surgem filósofos que colocam em questão a primazia da razão e ressaltam os elementos voluntaristas e emotivos do ser humano e de suas concepções de mundo e sociedade. Entre esses destacam-se Arthur Schopenhauer (1788-1860), Søren Kierkegaard (1813-1855) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). Tomando como ponto de partida a filosofia kantiana, Schopenhauer defende que o mundo dos fenômenos – o mundo que representamos em ideias e que julgamos compreender – não passa de uma ilusão e que a força motriz por trás de todos os nossos atos e ideias é uma vontade cega, indomável e irracional. Kierkegaard condena todas as grandes elaborações sistemáticas, universalizantes e abstratas da filosofia. Considerado um precursor do existencialismo, Kierkegaard enfatiza que as questões prementes da vida humana só podem ser superadas por uma atitude religiosa; essa atitude, no entanto, demanda uma escolha individual e passional contra todas as evidências, até mesmo contra a razão.^[70]

Nietzsche, por sua vez, anuncia que “Deus está morto”; e declara, portanto, a falência de todas as concepções éticas, políticas e culturais que se assentam na doutrina cristã. Em substituição aos antigos valores, Nietzsche prescreve um projeto de vida voluntarista aos mais nobres, mais capazes, mais criativos - em suma, àqueles em que fosse mais forte o vontade de potência^[71]

Filosofia do século XX

No século XX, a filosofia tornou-se uma disciplina profissionalizada das universidades, semelhante às demais disciplinas acadêmicas. Desse modo, tornou-se também menos geral e mais especializada. Na opinião de um proeminente filósofo: “A filosofia tem se tornado uma disciplina altamente organizada, feita por especialistas para especialistas. O número de filósofos cresceu exponencialmente, expandiu-se o volume de publicações e multiplicaram-se as subáreas de rigorosa investigação filosófica. Hoje, não só o campo mais amplo da filosofia é demasiadamente vasto para uma única mente, mas algo similar também é verdadeiro em muitas de suas subáreas altamente especializadas.”^[72] Nos países de língua inglesa, a filosofia analítica tornou-se a escola dominante. Na primeira metade do século, foi uma escola coesa, fortemente modelada pelo positivismo lógico, unificada pela noção de que os problemas filosóficos podem e devem ser resolvidos por análise lógica. Os filósofos britânicos Bertrand Russell e George Edward Moore são geralmente considerados os fundadores desse movimento. Ambos romperam com a tradição idealista que predominava na Inglaterra em fins do século XIX e buscaram um método filosófico que se afastasse das tendências espiritualistas e totalizantes do idealismo. Moore dedicou-se a analisar crenças do senso comum e a justificá-las diante das críticas da filosofia acadêmica. Russell, por sua vez, buscou reaproximar a filosofia da tradição empirista britânica e sintonizá-la com as descobertas e avanços científicos. Ao elaborar sua teoria das descrições definidas, Russell mostrou como resolver um problema filosófico empregando os recursos da nova lógica matemática. A partir desse novo modelo proposto por Russell, vários filósofos se convenceram de que a maioria dos problemas da filosofia tradicional, se não todos, não seriam nada mais que confusões propiciadas pelas ambiguidades e imprecisões da linguagem natural. Quando tratados numa linguagem científica rigorosa, esses problemas revelar-se-iam como simples confusões e mal-entendidos.



Edmund Husserl, o pai da Fenomenologia



Ludwig Wittgenstein, o mais importante filósofo analítico do século XX

Uma postura ligeiramente diferente foi adotada por Ludwig Wittgenstein, discípulo de Russell. Segundo Wittgenstein, os recursos da lógica matemática serviriam para revelar as formas lógicas que se escondem por trás da linguagem comum. Para Wittgenstein, a lógica é a própria condição de sentido de qualquer sistema linguístico.^[73] Essa ideia está associada à sua teoria pictórica do significado, segundo a qual a linguagem é capaz de representar o mundo por ser uma figuração lógica dos estados de coisas que compõem a realidade.

Sob a inspiração dos trabalhos de Russell e de Wittgenstein, o Círculo de Viena passou a defender uma forma de empirismo que assimilasse os avanços realizados nas ciências formais, especialmente na lógica. Essa versão atualizada do empirismo tornou-se universalmente conhecida como neopositivismo ou positivismo lógico. O Círculo de Viena consistia numa reunião de intelectuais oriundos de diversas áreas (filosofia, física, matemática, sociologia, etc.) que tinham em comum uma profunda desconfiança em relação a temas de teor metafísico. Para esses filósofos e cientistas, caberia à filosofia elaborar ferramentas teóricas aptas a esclarecer os conceitos fundamentais das ciências e revelar os pontos de contatos entre os diversos ramos do conhecimento científico. Nessa tarefa, seria importante mostrar, entre outras coisas, como enunciados altamente abstratos das ciências poderiam ser rigorosamente reduzidos a frases sobre a nossa experiência imediata.^[74]

Fora dos países de língua inglesa, floresceram diferentes movimentos filosóficos. Entre esses destacam-se a fenomenologia, a hermenêutica, o existencialismo e versões modernas do marxismo. Para Edmund Husserl, o traço fundamental dos fenômenos mentais é a intencionalidade. A estrutura da intencionalidade é constituída por dois elementos: noesis e noema. O primeiro elemento

é o ato intencional; e o segundo é o objeto do ato intencional. A ciência da fenomenologia trata do significado ou da essência dos objetos da consciência. A fim de revelar a estrutura da consciência, o fenomenólogo deve pôr entre parêntesis a realidade empírica. Segundo Husserl, os procedimentos fenomenológicos desvelam o ego transcendental – que é a própria base e fonte de unidade do eu empírico.^[75] Coube a um dos alunos de Husserl, o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), construir uma filosofia que mesclasse a fenomenologia, a hermenêutica e o existencialismo. O ponto de partida de Heidegger foi a questão clássica da metafísica "o que é o ser?". Mas, na abordagem de Heidegger, a resposta a essa questão passa por uma análise dos modos de ser do ser humano – que foi por ele denominado *Dasein* (Ser-aí). O *Dasein* é o único ser que pode se admirar com a sua própria existência e indagar o sentido de seu próprio ser

O modo de existir do *Dasein* está intimamente conectado com a história e a temporalidade e, em vista disso, questões sobre autenticidade, cuidado, angústia, finitude e morte tornam-se temas centrais na filosofia de Heidegger.^[75]

No final do século XVIII houve a fundação da escola tradicionalista, conhecida como conservadorismo tradicionalista, "conservadorismo tradicional", *tradicionalismo*, *conservadorismo burkeano*, *conservadorismo clássico* ou (no Reino Unido e Canadá) *torismo* (de *Tory*), que descreve uma filosofia política enfatizando a necessidade de aplicação dos princípios da lei natural e transcendentais morais: ordem, tradição, hierarquia e unidade orgânica, classicismo e alta cultura, e as esferas de intersecção de lealdade.^[76]

Alguns tradicionalistas abraçaram os rótulos de "reacionário" e "contrarrevolucionário", desafiando o estigma que acompanha estes termos desde o Iluminismo. Este estigma acompanha o Tradicionalismo desde seu desenvolvimento na Europa do século XVIII, principalmente em resposta à Guerra Civil Inglesa e da Revolução Francesa

Em meados do século XX, a escola tradicionalista começou a organizar-se a sério como uma força intelectual e política. Esta expressão mais moderna do conservadorismo tradicionalista começou entre um grupo de professores universitários dos EUA (rotulado de "novos conservadores" pela imprensa popular) que rejeitou as noções de individualismo, o liberalismo, a modernidade e o progresso social, promoveu a renovação cultural e educacional, e reavivou o interesse na Igreja, a família, o Estado, comunidade local, etc.^[77]

Movimentos filosóficos da atualidade

Filosofia clínica

A filosofia clínica é um termo utilizado para definir diversos conceitos filosóficos, voltado à "terapia da alma", usando o potencial prático da filosofia como recurso terapêutico para indivíduos, organizações ou empresas através de consultas individuais, discussões de grupo, seminários, palestras, viagens ou cafés filosóficos. No Brasil o termo está fortemente vinculado ao movimento realizado pelo filósofo Lúcio Packter e vem sendo apontado como uma ferramenta terapêutica de grande monta.^[78]

Ver também

- Anti-intelectualismo
- Artes liberais
- Conhecimento
- Cosmovisão
- Filosofia Portuguesa
- História da filosofia no Brasil
- História das ideias
- História das mentalidades
- História intelectual
- Intelectualismo
- Metafilosofia
- Mulheres na filosofia
- Sabedoria

Referências

- [in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [consult. 2014-12-20 13:49:01]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$filosofia](http://www.infopedia.pt/$filosofia)
- Priberam (<http://www.priberam.pt/dlpo/filosofia>)
- Teichman, J.; Evans, K. C. *Philosophy: a beginner's guide* (http://books.google.com.br/books?id=Zk5cRt_cJ)

- iOC&pg=PA1&dq=philosophy+is+a+study+of+problems+which+are+ultimate,+abstract+and+very+general&hl=pt-BR&ei=QuY2TfbnA4S8lQeA2ZymAv&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q=philosophy%20is%20a%20study%20of%20problems%20which%20are%20ultimate%2C%20abstract%20and%20very%20general&f=false) 3rd ed. Oxford: Blackwell.
4. Chauí, Marilena. Convite à Filosofia (http://books.google.com.br/books?id=Lj9evLtfldsc&pg=PA1&dq=marilena+chau%C3%AD+convite+%C3%A0+filosofia&hl=pt-BR&ei=8YDhTJ3KEIL78AaAse2iDw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDgQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false) pág. 19.
 5. (em francês) R. Bödéus, "philosophía", in (dir) Jacob, André, *Encyclopédie philosophique universelle* vol. 2: *Les notions philosophiques* tome 2, Paris, PUF.
 6. (em francês) Alquié, F., *Signification de la philosophie* Paris, 1971.
 7. Simmel, Georg. "On the nature of philosophy". In: A Collection of Essays. pág. 282 (<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&docId=20792020>)
 8. *Metafísica*, Livro I, capítulo 2. Na edição da coleção *Os Pensadores* de 1973 (1.ª ed.), o trecho encontra-se à pág. 213.
 9. Ferrater-Mora, José. *Dicionário de Filosofia* São Paulo: Loyola, 2.ª ed., 2005. Tomo II. pp. 1044-1050 (http://books.google.com.br/books?id=arVw04Gg_uAC&pg=PA1044&dq=Entre+os+problemas+que+se+colocam+com+respeito+%C3%A0+filosofia+figuram+significativa%C3%A7%C3%A3o&hl=en&ei=EdL8TPyAJYO88gas2e3uCG&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCcQ6AEwAA#v=onepage&q=Entre%20os%20problemas%20que%20se%20colocam%20com%20respeito%20%C3%A0%20filosofia%20figuram%20significativa%C3%A7%C3%A3o&f=false)
 10. Lindberg, D. *The beginnings of western science* Chicago: University of Chicago Press, 2007 ISBN 9780226482057. p. 242.
 11. "Philosophia est rerum humanarum divinarumque cognitio cum studio bene vivendi coniuncta." *Etymologiae*. Tradução para o inglês: *The etimologies of Isidore of Seville*. Cambridge: C.U.P. p. 79 (http://books.google.com.br/books?id=3ep502syZv8C&pg=PA79&dq=Isidore+of+Seville+philosophy+was+the+knowledge+of+matters+human+and+divine&hl=pt-BR&ei=e3z7TJyRA4OC8gaw5tWRCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDAQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false).
 12. Ver, por exemplo, o aforismo III do *Novum Organum* "Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática" (São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção "Os Pensadores").
 13. Descartes, R. *Princípios da Filosofia* Lisboa: Edições 70. p. 22.
 14. Quinton, Anthony. *Filosofia* (http://criticanarede.com/fil_filosofia.html). *Crítica: revista de filosofia* Acesso em 26/01/2011.
 15. Prado Jr., Caio. *O que é filosofia* São Paulo: Brasiliense, 1981
 16. Strawson, Peter. *Filosofia como Gramática Conceptual* (http://criticanarede.com/html/fil_analysis.html) Acesso em 06/12/2010
 17. Russell, B. *Os problemas da filosofia* Capítulo 15 (<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/russell15.html>)
 18. Popper, K. *Conjecturas e Refutações* 3a. ed. Brasília: EdUnB, 1994. Cap. 4, "Retorno aos Pré-Socráticos", pp. 163s.
 19. Steup, M. *The Analysis of Knowledge* (<http://plato.stanford.edu/entries/knowledge-analysis/#JTB>) *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (<http://plato.stanford.edu/>) Acesso em: 28/01/2011.
 20. Broad, C. D. *Some Methods of Speculative Philosophy* (<http://www.ditext.com/broad/smsp.html>) Acesso em 28/01/2011.
 21. Blackburn, S. *Pense: uma introdução à filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001. ISBN 9789726627906 Cap. 2.
 22. Bunnin, N.; Yu, J (eds.) *The Blackwell dictionary of Western philosophy*. Blackwell, 2004. *Blackwell Reference Online* (http://www.blackwellreference.com/public/book?id=g9781405106795_9781405106795) Acesso: 12 de março de 2011.
 23. Solomon, R. C. & Higgins, K. M. *The big questions: a short introduction to philosophy* p. 7 (http://books.google.com.br/books?id=ekh2AKqXdqgC&pg=PA7&dq=big+questions+field+of+philosophy&hl=pt-BR&ei=MlsoTZG9GoL_8AaS04DSAQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false).
 24. Copi, I. M. *Introdução à lógica* 2.ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978. p. 19.
 25. Bailey, Andrew. *First philosophy. values and society* Broadview Press, 2004. ISBN 9781551116570 p. 1.
 26. Morente, M. G. *Fundamentos de filosofia* lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1980. cap. 1 (<http://www.consciencia.org/fundamentosfilosofia#morente1.shtml>).
 27. Huisman, Denis & Vergez, André. *Curso moderno de filosofia: introdução à filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1980. p. 155-158 (<http://ocanto.esenviseu.net/cienfil.htm>)
 28. Versão eletrônica do diálogo platônico *Teeteto* (<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/teeteto.pdf>) p. 16.
 29. Aristotle, *Metaphysics*. The Internet Classics Archive (<http://classics.mit.edu/Aristotle/metaphysics.1.i.html>)
 30. Magee, Bryan. *História da Filosofia* São Paulo: Edições Loyola, 2001. pp. 7-9 (http://books.google.com.br/books?id=g5wTuWeKrfoC&pg=PA7&lpg=PA7&dq=Hist%C3%B3ria+da+filosofia+bryan+magee+um+argumento+filos%C3%B3fico+carrega+pr%C3%B3prios+credenciais&source=bl&ots=nRqG3jmMBt&sig=jrE--f3FXj16ao2U_enskfoYo&hl=pt-BR&ei=UKrdTJPaF4ep8AbCxlD4Dw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)
 31. Coupe, Laurence. *Myth*. 2nd. ed. London; New York: Routledge, 2009. p. 9. ISBN 9780415442848
 32. Morgan, Katheryn. *Myth and Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 17. ISBN 0521621801
 33. Vernant, Jean-Pierre. *Myth and Society in Ancient Greece*. London: Methuen, 1982: "o conceito de mito peculiar à antiguidade clássica tornou-se, assim, claramente definido pela oposição entre *mythos* e *logos*, desde então vistos como termos separados e contrastantes" (p. 187).
 34. Aristóteles. *Metafísica*, III, 4.

35. Reale, Giovanni; Antiseri, Dario. *História da Filosofia* São Paulo: Paulus, 1990. ISBN 8505010760 V. 1. pp. 14-16.
36. Reale, Giovanni; Antiseri, Dario. *História da Filosofia* São Paulo: Paulus, 1990. ISBN 8505010760 V. 1. p. 26.
37. Bornheim, G. *Os filósofos pré-socráticos* p. 13 (http://books.google.com.br/books?id=JWSSgXucWUQC&pg=PA14&dq=a+physis+compreende+a+totalidade+de+tu+do+o+que+%C3%A9&hl=pt-BR&ei=hHASTbXtGsP98AbyhOjdDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=a%20physis%20compreende%20a%20totalidade%20de%20tudo%20o%20que%20%C3%A9&f=false)
38. Guerreiro, Mario A. L. *Pré-socráticos a invenção da filosofia*. p. 40 (http://books.google.com.br/books?id=lp4S-RqTR7MC&pg=FA40&dq=physiologi+p%C3%A9-socr%C3%A1ticos&hl=pt-BR&ei=83ASTfLIC8Gp8AaCxoWNDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=physiologi%20p%C3%A9-socr%C3%A1ticos&f=false)
39. Chauí, M. *Introdução à história da filosofia* p. 95 (http://books.google.com.br/books?id=6GCVNv5hrOcC&pg=PA95&dq=onde+nossos+sentidos+v%C3%Aaem+coisas+mut%C3%A1veis+ilus%C3%A3o&hl=pt-BR&ei=o7ASTdjdFIP7lwfq86XUCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=onde%20nossos%20sentidos%20v%C3%Aaem%20coisas%20mut%C3%A1veis%20ilus%C3%A3o&f=false)
40. Chauí, M. *Introdução à história da filosofia* p. 105 (http://books.google.com.br/books?id=6GCVNv5hrOcC&pg=PA105&dq=Her%C3%A1clito+e+Parm%C3%AAnides+est%C3%A3o+em+p%C3%B3s+opostos&hl=pt-BR&ei=QbISTfydCsWclgegzsTND&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=Her%C3%A1clito%20e%20Parm%C3%AAnides%20est%C3%A3o%20em%20p%C3%B3s%20opostos&f=false)
41. Zilles, U. *Teoria do conhecimento* p. 59 (http://books.google.com.br/books?id=QQxzmVUVxp0C&pg=PA59&dq=sofistas+verdade+absoluta&hl=pt-BR&ei=rJES72aAcGC8gbc7ajRCA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CCsQ6AEwAQ#v=onepage&q=sofistas%20verdade%20absoluta&f=false)
42. Stone, I. F. *O julgamento de Sócrates* p. 61 (http://books.google.com.br/books?id=gtpkjm2CilC&pg=PA61&dq=STONE+julgamento+S%C3%B3crates+vitude+conhecimento+identificavam-se&hl=pt-BR&ei=BpQSTdfVDIL78Abj2uSaDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)
43. Morente, Manuel García. "Lecciones Preliminares de Filosofía," in *Obras Completas* Barcelona: Anthropos; Madrid: Fundación Caja de Madrid, 1996. VI. ISBN 8476584962, pp. 81-87
44. Durant, Will. *A História da Filosofia* São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952 p. 75
45. Reale, Giovanni. *História da filosofia antiga os sistemas da Era Helenística*. São Paulo: Loyola, 2008. pp. 214s (http://books.google.com.br/books?id=pYKGE mHPDXAC&pg=FA214&dq=epicuro+prazeres+limite+elimina%C3%A7%C3%A3o+dor&hl=pt-BR&ei=UzKvTYKeHsrb0QH08tnBCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=epicuro%20prazeres%20limite%20elimina%C3%A7%C3%A3o%20dor&f=false)
46. Reale, Giovanni. *História da filosofia antiga os sistemas da Era Helenística*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 361 (http://books.google.com.br/books?id=pYKGE mHPDXAC&pg=FA361&dq=o+s%C3%A1bio+%C3%A9+livre+porque+quer+tudo+que+%C3%A9+necess%C3%A1rio&hl=pt-BR&ei=zzavTbivGKbk0QGf_PD-DA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDQ Q6AEwAA#v=onepage&q=o%20s%C3%A1bio%20%C3%A9%20livre%20porque%20quer%20tudo%20que%20%C3%A9%20necess%C3%A1rio&f=false)
47. Cooper, D. E. *Filosofias do Mundo* São Paulo: Loyola, 2002. ISBN 8515023164 p. 167.
48. Bleiberg, Edward (2005). "Ancient Egypt 2675-332 B.C.E.: Philosophy". In Bleiberg, Edward, et al. *Arts and Humanities Through the Eras*. Vol. 1: Ancient Egypt 2675-332 B.C.E. Detroit: Gale. págs. 182–197.
49. Confúcio (1989). «Intruduzione (por Anne Cheng)». Confúcio - Dialoghi (em italiano). [S.l.]: Arnaldo Mondadori. ISBN 88-04-32463-5
50. ="Gandhi And Mahayana Buddhism"
51. Segundo Rafael Guerrero, "houve filosofia nessa época porque houve continuidade e sobrevivência da filosofia antiga: os medievais se preocuparam em assimilar, à medida que lhes foi possível, a prática e o saber das gerações anteriores." *Historia de la Filosofía Medieval*. p. 10 (http://books.google.com.br/books?id=2E3NUhdN_kEC&pg=FA10&dq=hubo+filosofía+en+est+a+época+porque+hubo+continuidad&hl=pt-BR&ei=fChiTMD-L4L-8Abuot0Q&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)
52. *The Blackwell Dictionary of Western Philosophy*. Verbete "Medieval Philosophy" (http://www.blackwellreference.com/public/tocnode?id=g9781405106795_chunk_g978140510679514_ss1-66) "O tema central da filosofia medieval foi a tentativa de unir a fé à razão."
53. Gracia, Jorge. *Medieval Philosophy In: The Blackwell Companion to Philosophy* pp. 619s (http://books.google.com.br/books?id=fmMRcdcSP3cC&pg=FA619&dq=ri+val+the+golden+age+of+Greek+philosophy+in+the+fou+rth+century&hl=pt-BR&ei=JLrITIDpOlep8AbAgrCpDw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC4Q6AEwAQ#v=onepage&q&f=false)
54. Charles Schmitt e Quentin Skinner (eds.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy* Cambridge University Press, 1988, p. 5, define o período da filosofia do Renascimento como o intervalo que vai "da época de Ockham até os trabalhos revisionistas de Bacon, Descartes e seus contemporâneos".
55. Copenhaver, B.; Schmitt, C. *Renaissance Philosophy*, Oxford University Press, 1992, p. 4: "pode-se considerar como marco da filosofia da Renascença o amplo e acelerado interesse, estimulado por novos textos disponíveis, por fontes primárias do pensamento grego e romano que eram até então desconhecidos ou dos quais pouco se sabia ou pouco se havia lido".
56. Gracia, Jorge. In: Bunnin, N.; Āui-James, E.P. (eds.), *The Blackwell Companion to Philosophy* Blackwell, 2002, p. 621: "os humanistas ... recolocaram o homem no centro das atenções e canalizaram seus esforços no sentido de recuperar e transmitir o saber clássico, particularmente o da filosofia de Platão."
57. von Fritz, Kurt; Rev Maurer, Armand; Levi, Albert W; Stroll, Avrum; Wolin, Richard, «Western philosophy» (h

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/130843/Western-philosophy>) (em inglês), *Encyclopædia Britannica Online*

58. Ver §4 da introdução de *An essay concerning human understanding*, de John Locke; a introdução do *Tratado da natureza humana* (http://books.google.com.br/books?id=0FrA3e4MJMAC&printsec=frontcover&dq=tratado+da+natureza+humana&hl=pt-BR&ei=HIHKTK-EJYP68AbAtt2gDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false) de David Hume; e o prefácio da primeira edição da *Crítica da razão pura*, de Kant.
59. Russell, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004. ISBN 9780415325059 p. 511 (http://books.google.com.br/books?id=Ey94E3sO MAOC&pg=PA511&dq=bertrand+russell+de+cartes+m odern+philosophy&hl=pt-BR&ei=12NqTdjOL8G1twfi5M TmAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDcQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false)
60. Descartes, R. *Discurso do Método* 4ª. parte.
61. Cottingham, J. *Descartes*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 24 (http://books.google.com.br/books?id=X2rt7GeQFVYC&pg=PA24&dq=Discurso+do+M%C3%A9todo+descartes&hl=pt-BR&ei=0HpqTZHAF4rytgfCmJ3nAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=9&ved=0CFMQ6AEwCA#v=onepage&q=Discurso%20do%20M%C3%A9todo%20descartes&f=false)
62. Magee, Bryan. *História da Filosofia* São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 83 (http://books.google.com.br/books?id=g5wTuWeKrfoc&pg=PA83&dq=filosofia+racionalismo&hl=pt-BR&ei=Bn9qECTNsvAtgfbLXmAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CDIQ6AEwAQ#v=onepage&q=filosofia%20racionalismo&f=false)
63. Durant, Will. *A História da Filosofia* São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952 p. 247
64. *Como Tudo Funciona* (<http://pessoas.hswuol.com.br/locke2.htm>)
65. Solomon, R. C; Higgins, K. M. *The Big Questions* pp. 135s (http://books.google.com.br/books?id=ekh2AKqXdqgC&pg=PA135&pg=PA135&dq=big+question+Hegel+envisioned+a+single+cosmos+with+constant+internal+conflict&source=bl&ots=r_CEMU1iwk&sig=nDdv6Lo6BCOWXDIV0zYG2Z38K30&hl=pt-BR&ei=C4_ITIGONI OB8ganqoDWDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CByQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)
66. Cooper, D. E. *Filosofias do Mundo* p. 371 (http://books.google.com.br/books?id=FaPW3BXbuYUC&pg=PA371&dq=comte+tr%C3%AAs+est%C3%A1gios&hl=pt-BR&ei=HHfITL3-LsP58Abo-oizDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=comte%20tr%C3%AAs%20est%C3%A1gios&f=false)
67. Russell, B. *História do Pensamento Ocidental* pp. 442s (http://books.google.com.br/books?id=ksAu7jtHoZgC&pg=PA442&dq=russell+historia+do+pensamento+ocidental+comte+processo+hist%C3%B3rico+%C3%A0+sua+conclus%C3%A3o+adequada+e+feliz&hl=pt-BR&ei=4UoKTDuQMIqr8Aar9-WhAQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)
68. William Outhwaite (ed.), *The Blackwell dictionary of modern social thought* p. 44 (http://books.google.com/books?id=N92gOkqu6kAC&pg=PA44&dq=marx+superstructure&hl=en&ei=__7yTJrENoyr8Aar7ei6Cg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=6&ved=0CD4Q6AEwBQ#v=onepage&q=marx%20superstructure&f=false)
69. Hegenberg, L. *Filosofia moral*. V. 1 (Ética). Rio de Janeiro: E-papers, 2010. ISBN 8576502607. pp. 115-22.
70. Solomon, R. C. & Higgins, K. M. *The big questions: a short introduction to philosophy* 8th ed. ISBN 9780495595151 p.66
71. Raeper, W; Smith, L. *Introdução ao estudo das ideias religião e filosofia no passado e no presente*. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2001. ISBN 8515015684 pp. 116-20.
72. Soames, Scott. *Philosophical analysis in the twentieth century*. Princeton: Princeton University Press, 2003. V. 2. p. 463 (http://books.google.com.br/books?id=dtfSKS-FEEC&pg=PA463&dq=Not+only+is+the+broad+field+of+philosophy+today+far+too+vast+to+be+embraced+by+one+mind,+something+similar+is+true+even+of+many+highly+specialized+subfields&hl=pt-BR&ei=W0YKTY5D4T78AaMqrCfAQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=Not%20only%20is%20the%20broad%20field%20of%20philosophy%20today%20far%20too%20vast%20to%20be%20embraced%20by%20one%20mind%20C%20something%20similar%20is%20true%20even%20of%20many%20highly%20specialized%20subfields&f=false)
73. Glock, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998. ISBN 8571104409 p. 237 (Verbetes "Lógica").
74. Galvão, Paulo. "Positivismo Lógico," in Branquinho, João; Murcho, Desidério; Gomes, Nelson Gonçalves (orgs.) *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos* São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 577-80.
75. Bunnin, N.; Yu, J (eds.) *The Blackwell dictionary of Western philosophy*. Blackwell, 2004. Blackwell Reference Online (http://www.blackwellreference.com/public/book?id=g9781405106795_9781405106795) Acesso em 28/03/2011.
76. Frohnen, Bruce, Jeremy Beer and Jeffrey O. Nelson, ed. (2006) *American Conservatism: An Encyclopedia* Wilmington, DE: ISI Books, pp. 870-875.
77. Frohnen, Bruce, Jeremy Beer and Jeffrey O. Nelson, ed. (2006) *American Conservatism: An Encyclopedia* Wilmington, DE: ISI Books, p. 870.
78. «A Filosofia e seus usos: crítica e acomodação (tese de doutorado de Marli Aparecida Pechula)» (http://www.educadores.diaadia.prgov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Teses/Pechula.pdf) (PDF). *diaadiaeducacao.prgov.br*. 2007. Consultado em 22 de abril de 2012.

Bibliografia

Livros introdutórios

- BLACKBURN, Simon *Pense: uma introdução à filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001. ISBN 9789726627906
- BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P.(Orgs.) *Compêndio de Filosofia 2.ª ed.* São Paulo: Loyola, 2007. ISBN 9788515030477.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia 7. ed. 2. reimp.* São Paulo: Ática, 2000.
- COLCHETE, Eliane e MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *A formação da filosofia contemporânea Rio de Janeiro: Litteris, 2014.*
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, 34, 1992.
- MURCHO, Desidério *Filosofia em Directa* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.
- NAGEL, Thomas *Que Quer Dizer Tudo Isto? Uma iniciação à filosofia*. Lisboa: Gradiva: 1995 ISBN 9789726624219.
- PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. 2 ed. São Paulo, Edusp/Grijalbo, 1974.
- PAPINEAU, David (Org.) *Filosofia: grandes pensadores, principais fundamentos e escolas filosóficas*. São Paulo: Publifolha, 2009. ISBN 9788579141058

Antologias

- BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2.ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. ISBN 8536321199
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. ISBN 9788571105201
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia das origens à Idade Moderna*. Rio de Janeiro: Globo, 2005. ISBN 8525038997.
- VVAA. *Os Filósofos através dos Textos: de Platão a Sartre*. São Paulo: Paulus, 1997. ISBN 8534909806.q=Discurso%20do%20M%C3%A9todo%20de

Introduções à história da filosofia

- DURANT, Will. *A História da Filosofia* São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952
- ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia 1 as sabedorias antigas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Idem. *Contra-história da filosofia 2 o cristianismo hedonista*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Idem. *Contra-história da filosofia 3 os libertinos barrocos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- KENNY, Anthony. *Uma Nova História da Filosofia Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2008. 4v ISBN 9788515035267.
- MAGEE, Bryan. *História da Filosofia* São Paulo: Edições Loyola, 2001. ISBN 8515019299
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. 3v ISBN 8505010760.
- RUSSELL, Bertrand *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. ISBN 8500013559.
- Idem. *Contra-história da filosofia 4 os ultras das Luzes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Obras de referência

- BLACKBURN, Simon *Dicionário Oxford de Filosofia* Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2010. ISBN 8571104026
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves (orgs.) *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos* São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN 8533623259
- FERRATER-MORA, José. *Dicionário de Filosofia 2ª. ed.* São Paulo: Loyola, 2004. 4v ISBN 8515018691

Ligações externas

- Portal de Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina
- Portal de Filosofia
- Veritas – Revista de Filosofia da PUCRS
- Stanford Encyclopedia of Philosophy
- The Internet Encyclopedia of Philosophy

Obtida de <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Filosofia&oldid=53053883>

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização